

**RESENHA - LITERATURA PARAIBANA RECENTE: Um  
balanço mais que positivo**  
RECENT LITERATURE OF PARAIBA: More Than Positive Balance

**Rinaldo de Fernandes (UFPB)**

---

**Abstract:** This paper inventories literary production in Paraíba in 2004 e 2005, revealing significant authors and works in regional and national scenery.

**Key-Words:** Contemporary Literature in Paraíba, Paraíba's Fiction and Poetry, Literary Essay.

**Resumo:** A produção literária paraibana em 2004 e 2005 foi intensa, revelando alguns autores e obras significativas, nos cenários regional e nacional. O presente ensaio faz um inventário dessa produção.

**Palavras-chave:** Literatura paraibana contemporânea, Ficção paraibana, Poesia paraibana, Ensaio literário paraibano

---

Na medida do possível, e pedindo antecipadamente perdão pelas omissões, acompanhei a produção literária da Paraíba (a de 2004 e, sobretudo, a de 2005). E achei-a vigorosa, de muita qualidade. Sérgio de Castro Pinto publicou, pela Escrituras/SP, o ótimo *Zôo imaginário*, que o confirma como um dos principais poetas do país. Marília Arnaud saiu com *O livro dos afetos*, lançado pela 7 Letras/RJ. Livro que deixa a autora agora com uma grande responsabilidade, pois põe Marília entre as melhores contistas do Brasil (prova disso é também a participação da paraibana na coletânea *Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, organizada pelo mineiro Luiz Ruffato e lançada pela Record/RJ). Outro poeta de destaque foi Antônio Mariano, cujo *Guarda-chuvas esquecidos*, que veio a público pela Lamparina/RJ, traz poemas enxutos, muito bem elaborados, alguns de extração drummondiana (Mariano dirige o projeto Tome Poesia, saraus que lembram a experiência carioca, já de alguns anos, do CEP 20.000/RIOARTE, produzido pelo poeta Chacal). W. J. Solha nos trouxe *Trigal com corvos* (Palimage Editores/Portugal e Imprell Gráfica e Editora/PB), poesia agônica, intertextual e impetuosa, com um olhar que penetra o intrigante e indecifrável mundo contemporâneo. O poeta Carlos Gildemar Pontes teve livro indicado para o Prêmio Portugal Telecom. Contistas como Arturo Gouveia, Aldo Lopes, Geraldo Maciel, Wellington Pereira, além dos já citados Marília Arnaud e Carlos Gildemar Pontes, mantiveram a boa qualidade de sua produção

nos textos que me enviaram para a antologia *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea*, que organizei e que está sendo preparada pela Geração Editorial/SP. Os contos desses autores são de alto nível, não ficando atrás da produção de nenhum contista brasileiro da atualidade. “Abandono”, conto (publicado no *Correio das Artes*) de Adalberto Barreto sobre o pavor de um menino de quatro anos diante de traquinagens (“Pega pra capar!”) de adultos, é narrado de forma densa, fazendo-nos sentir, forte, a fragilidade e o desamparo de ser criança. Personagens aflitas (“Saliva mágica”), desencontradas (“Onírico inventário de perdas”) e desejosas (“Gulosa”) povoam os contos de *Preces e orgasmos dos desvalidos*, de Dôra Limeira, que demonstra bom domínio do gênero (o livro estampa, na quarta capa, comentário pertinente de Vitória Lima, poeta recifense-pessoense que participou em 2004 da *Estação Recife: coletânea poética 3* com textos bem compostos, a exemplo de “Saias” e “Cigano desejo”). *A ferrugem e o mármore: cinco contos quase-reais*, livro talvez apressado de Edônio Alves Nascimento, traz o interessante “O grande rito” – relato da primeira menstruação de uma adolescente assistida de perto pelo pai, que, zeloso, limpa-lhe o filete de sangue (o conto lembra um pouco “Estréia de regras”, de Bernardo Ajzenberg, que está em *Homens com mulheres*). Dois ou três contos que li de André Ricardo Aguiar me surpreenderam muito – se prosseguir praticando, é uma promessa no gênero. Como também é promessa, desta vez no ensaio, Gilberto de Sousa Lucena, que escreveu bom trabalho sobre um poema de Lúcio Lins. Nos estudos literários, destaco Sônia Lúcia Ramalho de Farias, Milton Marques Júnior, Hildeberto Barbosa Filho e Amador Ribeiro Neto. Sônia Lúcia Ramalho, já de algum tempo, no silêncio e sem badalações, vem produzindo textos que a põem entre os mais bem preparados ensaístas do país. Ensaios como “*Budapeste: as fraturas identitárias da ficção*” (2004) e “*Canudos revisitado pela ficção*” (2005) colocam Sônia, em certos momentos, ao lado de um Silviano Santiago (de quem aliás foi aluna) ou mesmo de um Davi Arrigucci Jr. Milton Marques Júnior, com Fabrício Possebon e Juvino Alves Maia Júnior, prepararam a 2ª edição comentada e ilustrada da *Prosopopéia*, de Bento Teixeira. Trabalho notável dos três, Milton tecendo excelentes considerações acerca do poema do séc. XVI no ensaio de abertura do livro, Fabrício e Juvino redigindo, com muito preparo, as notas de rodapé. Hildeberto Barbosa Filho, pesquisador atento da literatura paraibana, com “Aspectos da técnica narrativa em *Fogo Morto*”, ensaio de fôlego, produto de uma palestra proferida em

2001 na Academia Brasileira de Letras, trouxe uma bela contribuição à fortuna crítica de José Lins do Rego. Amador Ribeiro Neto escreveu artigo arrojado, publicado no *Correio das Artes*, sobre a poesia do paraibano Saulo Mendonça (devo dizer que na mesma edição o texto, também sobre Saulo, dos jovens escritores Daniel Sampaio e Tiago Germano coroa a abordagem de Amador). Destaco ainda dois ensaios inseridos no livro *Imagens do Brasil na literatura*, organizado por Sônia Lúcia Ramalho de Farias e João Denys Araújo Leite e que foi publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. O primeiro é “A modernidade de João Cabral de Melo Neto”, em que Moema Selma D’Andrea analisa os poemas “Jogos frutais” e “Os reinos do amarelo” em diálogo paródico com “A ilha da maré”, de Botelho de Oliveira. A análise de “Os reinos do amarelo”, sobretudo, é bem esclarecedora. O outro é “O dizível e o indizível: representabilidades e conflitos na narrativa brasileira contemporânea”, de Andrea Ciacchi. Um texto tratando da ficção brasileira recente e que é também muito instigante – em linhas gerais, o ensaísta, apoiando-se na tradição realista, reclama da ausência da representação do mundo do trabalho e da exploração capitalista na ficção atual. Diógenes Maciel e Valéria Andrade organizaram o livro *Por uma militância teatral* (Ed. Bagaço/Idéia), com ensaios sobre dramaturgia brasileira (Diógenes tem grande sensibilidade crítica para o texto teatral, bastando lembrar o consistente “O teatro de Chico Buarque”, de 2004). Genilda Azerêdo fez leitura competente, com boa base de teoria literária, de poemas de Hildeberto Barbosa. A revista *Graphos*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, cuja coordenadora é a professora e ensaísta Elisalva Madruga Dantas, saiu numa edição caprichada, com artigos abrangendo as áreas de literatura e lingüística. Se a revista prosseguir com a mesma qualidade e com uma periodicidade regular, se tornará, em breve, uma grande referência na região. Não posso esquecer o nome de Linaldo Guedes, que, à frente do *Correio das Artes*, fez também um trabalho extraordinário, transformando o suplemento numa revista respeitada na região e, mesmo, no país. O caderno de cultura “Augusto”, do *Jornal da Paraíba*, também teve bons momentos. Um nome “fora” da literatura, mas que sempre está muito perto dela: João Batista de Brito. Como sempre nos últimos anos, fez a melhor crítica de cinema entre nós – e agora tendo seus artigos também expostos no site paulistano Cronópios.

Mais recentemente, foi lançado o romance *O dia dos cachorros* (Edições Bagaço/PE – prêmio Câmara Cascudo/2005), de Aldo Lopes

(o livro, que tem como pano de fundo a Guerra de Princesa, sabe capturar, conforme leitura de Hildeberto Barbosa Filho, “os ingredientes de um mapeamento regional a que não escapam o fluxo das crendices, os acepipes da culinária, o absurdo de certos rituais, o grotesco e o patético de tantas superstições, de tantos entreveros, causos, ditos, sabenças e doidices”). Foram lançados ainda o romance *A volúpia dos anjos* (1ª ed. Idéia/PB; 2ª ed. a sair pela Girafa/SP), de Mercedes Cavalcanti, o livro de contos *Depois de abril* (Escrituras/SP), de Suênio Campos de Lucena, e o longo poema *Cantáteis* (Garamond/RJ), de Chico César. Estão no prelo um livro de poemas de Raimundo Barroso e um de contos de Antônio Mariano.

A seguir, me detenho um pouco mais em alguns dos autores e textos acima apontados.

\*

A palavra que provavelmente melhor sintetiza as imagens na poesia de Sérgio de Castro Pinto é: desconcerto. Em seu livro mais recente, *Zôo imaginário* (2005), são desconcertantes, extremamente inventivas, imagens como “a zebra/ é a edição/ extra/ de um cavalo/ que virou/ notícia” ou “os pardais são me(l)ros/ vira-latas de asas/ fuçando os quintais”. No livro, a estrutura dos poemas, especialmente os mais curtos, parece obedecer ao seguinte esquema: faz-se a descrição de um animal (elefante, coruja, leão, girafa) para se explorar um detalhe singular, definidor poeticamente desse animal. Por exemplo, o poema “O elefante”: “a cor de pólvora que não explode/ barril de pólvora mansa/ apesar do pavio da tromba”. Neste caso, o detalhe mais definidor do animal, do ponto de vista poético (claro que “cor de pólvora que não explode” e “barril de pólvora mansa” são figuras magníficas), me parece ser o “pavio da tromba” – imagem impactante, sintetizadora da condição de “barril de pólvora” do elefante. Em “A coruja”, diz o poeta: “são todo ouvidos/ os teus olhos/ de vigília”. Esta imagem resume, implacavelmente, a ave. Como “sol de pêlos/ ao redor/ da cabeça” resume o leão. Em Sérgio de Castro Pinto, repito, é como se o poema tivesse como coluna vertebral esse detalhe definidor, como se fosse feito em torno (ou em razão) dele. Isso remete justamente o *hai-cai*, cujo último verso resume filosoficamente a descrição contida nos versos anteriores. Um dado importante no livro de Sérgio são os poemas mais antigos: lá atrás, o poeta já vinha fazendo versos com a presença de

animais cuja força é a mesma (em certos casos, até superior) dos textos mais recentes. Talvez o que falte ao *Zôo imaginário* seja um certo olhar sobre a realidade social, sempre pedido pelo leitor mais *engajado* (o termo está fora de moda, mas, enfim, ainda existem aqueles que pedem a participação social do poeta). Mas, quanto a isso, quanto a esse “seqüestro” da realidade, Castro Pinto não é o único: os poetas atuais não estão tão preocupados em ser *participantes*. O grande valor dos poemas de Sérgio está na força (sedutora) das imagens e no teor lúdico dos mesmos – o que faz o livro parecer (ou ser também) literatura infanto-juvenil. Além disso, Sérgio mantém o nível do grande poeta que sempre foi.

Por outro lado, a ficção adulta feita com protagonista adolescente é sempre muito difícil, sobretudo se o adolescente é o próprio narrador da história. Tudo tem que ser bem recortado, medido, para evitar a confusão com a ficção infanto-juvenil. Em *O livro dos afetos* (2005), Marília Arnaud produziu uma peça de alto valor literário. Diria, até mesmo, tratar-se de uma pequena obra-prima do conto contemporâneo. Falo de “Nem as estrelas são para sempre”, de cara aplaudido pelo orelhista do livro, o competente Luiz Ruffato. Narrado do ponto de vista de um garoto de treze anos, o conto traduz o temperamento de alguém tomado por uma tristeza terrível, decorrente, por um lado, do sofrimento da mãe moribunda e, por outro, do pavor que lhe provoca a figura paterna. Um pai rigoroso, ríspido, reservado: “Não sei se é possível um pai não gostar nem um pouco de um filho”. Um conto sobre relações humanas difíceis, danosas ao indivíduo, mas inteiramente insufladas pelos próprios códigos familiares. É no silêncio que o garoto – “apático” para o pai, um corretor de imóveis – tece sua tristeza, narrando para tentar compreender o que se passa em torno dele, ou entre ele, a mãe cancerosa, o pai perverso e a tia dedicada (veio, com a doença da irmã, para ajudar a família). Tudo para o garoto, no que se refere à mãe, ao pai e à tia (sobretudo a estes dois últimos), é cisma, suspeita. Tudo intolerável de tão insondável. O dia mais triste para o garoto é aquele em que descobre que o pai tem um caso com a tia: “Meu pai tentava abraçá-la, mas ela o empurrava e balançava a cabeça, sem falar nada. Ele dizia não ter culpa, que aquelas coisas, obra e graça do destino, aconteciam, que não podia mais viver sem ela, sem seu amor, que o que estava sentindo era mais forte que ele, e que Mamãe não precisava ficar sabendo, que não iria saber nunca, que ela, Tia Corina, podia confiar nele”. O garoto avalia o tempo todo, através de uma voz tensa, todos os

truques de convivência dos membros da família. Para ele, é muito pantanoso o mundo dos adultos – e padece por isso. Pena por não entender as coisas como elas são. Interroga-as, mas, impotente, não as alcança: “São tantos os porquês! Quero continuar acreditando que quando eu crescer vou ter todas as respostas que preciso, embora Mamãe, que é sabida demais, tenha me dito que isso não será possível, pois, à medida que a gente vai crescendo, e depois envelhecendo, algumas respostas vão dando o ar da sua graça, mas também outras interrogações, algumas maiores e mais difíceis, vão surgindo”. O garoto rola na existência como quem patina em pedregulhos. Sente, já forte, ferina, a dor de viver. Contudo, uma coisa parece precisa, palpável, para ele: “Esse porquê, da paixão secreta de meu pai por Tia Corina, é tão grande e perigoso quanto o da doença de Mamãe”. Eis a chave do conto. E que chave! Um texto magnífico, em que dor e desejo, dedicação e desconfiança tecem o principal da trama. Personagens assim, tão bem desenhados, densos e doloridos, linguagem elaborada, bem posta, fazem de Marília Arnaud, reafirmo, uma das melhores contistas do país.

Incisivo, inquietante, o poema “Navegadores”, de Antônio Mariano. Constante do livro *Guarda-chuvas esquecidos* (2005), é assim:

Ante meus olhos de bêbado  
o mosquito navegava  
sobre o palito de fósforo  
na cusparada do chão  
eu tentava me levantar  
remar  
para onde?  
O mosquito navegava  
sem preocupações dialéticas  
destino mais certo  
que o meu

O “eu” poético, um bêbado, observa um mosquito-equilibrista, na corda bamba de um palito, tentando evitar uma tragédia: atolar de vez (a existência) no cuspe. As atitudes do mosquito, fica claro, se aparentam com as do bêbado, que, além de “navegador” (navega-dor), também tenta “levantar[-se]”, “remar” – mas aqui vem a questão filosófica de base: para qual destino? O bêbado e o mosquito estão, por assim dizer, no mesmo cuspe existencial, na mesma lama, só que ao primeiro não é

apontado um “destino mais certo”, ou uma saída (como o José do poema famoso de Drummond). Estabelece-se neste momento, portanto, uma primeira e importante diferença – que se acentua com a expressão “preocupações dialéticas”. Esta expressão vem separar de vez o bêbado do mosquito, corta-lhes a identidade, o parentesco primeiro. Ora, é próprio do bêbado discutir, avaliar alguma coisa da sua ou da existência alheia – é próprio dele (ou do homem) ter “preocupações dialéticas”. Já o mosquito, sem esse tipo de preocupação, sem qualquer dialética/racionalidade, navega instintivamente, busca salvar-se assim do cuspe/lama. Ao bêbado resta a angústia de ser ou estar-no-mundo como um inseto. Melhor dizendo: de ser ou estar-no-mundo pior do que um inseto, pois tem, diferente deste, um destino incerto. Embora Mariano se alinhe aos chamados poetas “inventivos”, seu poema se insere, inteiro, na boa tradição drummondiana.

Impetuoso, intrigante e inteligente o livro *Trigal com corvos* (2004), de W. J. Solha. Poesia derramada em páginas e páginas, provocante, pavorosa (dá um certo pavor ler os versos de Solha) mas também muito prazerosa de ler. O primeiro elemento importante do livro: a capacidade de prender a atenção do leitor desde a primeira frase, algo raro na poesia recente. Isso se deve ao estilo entre o lírico e o épico adotado pelo autor: Solha escreve uma quase-crônica do perturbado mundo contemporâneo. Seu “eu” lírico é atormentado, profundamente existencialista, cético. A descrença em Deus e no homem é uma das tônicas do livro: “Por que – se existe um Deus – não me fez melhor?”. O que provoca a desesperança num mundo melhor: “Só percebo/ com vaga amargura/ que nenhuma esperança mais me alimenta./ Suspeito de minha sorte./ Parece-me que mesmo parado me movo/ em câmara lenta/ no corredor da morte”. A sensação forte de um tempo confuso, caótico, nos é passada pela poesia de Solha, que escreveu uma espécie de “poema sujo” dos anos 2000. Chamam a atenção no livro as imagens agudas do presente histórico, o que torna o texto participante, engajado socialmente, como poucos na poesia brasileira contemporânea: “ao ver as batalhas no Vietnã/ no Iraque/ Malvinas/ sempre com impressionante cobertura ao vivo/ da televisão/ percebo que elas sempre foram grandes espetáculos... esportivos/ de Homero a Spielberg/ de Tolstoy ao Jornal das Oito/ só que pra valer/ com navios afundados/ aviões fulminados/ milhões de seres humanos/ mortos ou estropiados/ países arrasados./ Mas/ no fundo no fundo/ tudo muito curtido/ por todo mundo”. Os dois últimos versos, aqui, certamente

provocativos, na linha, já apontada, da desconfiança no homem. Talvez um problema do livro – que poderá parecer para o leitor mais despreparado o seu ponto alto – seja o excesso de referências da literatura, da pintura, do cinema, da filosofia e da política: em certos casos elas parecem eficazes, orgânicas, pois sustentam o argumento (como no trecho acima citado), em outros dopam o poema, parecendo que foram postas por puro exercício de erudição, o que torna o texto um tanto postiço. Mas não tiram, de forma alguma, o valor do livro, que nos toca pelo tom de denúncia, pelo peso e leveza de um estilo maduro, pós-moderno.

\*

A *volúpia dos anjos* (2005) é uma continuação de *O vinho de Caná*, romance anterior de Mercedes Cavalcanti (embora, para o entendimento, a leitura de um dispense a leitura de outro). Ambos os romances se baseiam, supostamente, num manuscrito escrito por Hannah em duas partes, com 25 anos de diferença entre elas. Realmente, conforme fui informado, deu-se a viagem da autora à Villarrica (sul do Chile), como está relatado no segundo texto (“Mistério na Cordilheira dos Andes”) do romance. De fato aconteceu o lance da queda da árvore sobre o velhinho que se parecia com um tio (chamado Pepe) de Mercedes, o qual vive no Valle de Elqui. Mas é só. O resto é pura ficção. Então, a autora nunca achou o manuscrito de que trata o romance...

A *volúpia dos anjos* se inicia à época de Cristo, depois “salta” para o terceiro milênio, retornando, ao final, para o tempo anterior. José Pimentel aparece como coadjuvante e, embora sendo ficção tudo (ou quase tudo) o que é narrado no livro, ele existe mesmo, foi durante várias décadas diretor de “A Paixão de Cristo”, em Nova Jerusalém/PE (Pimentel permitiu que a autora o usasse como personagem).

O romance de Mercedes faz boa paródia bíblica. Os dois textos iniciais trazem como personagens a própria autora e um interlocutor fictício que, de tão verossímil, à primeira vista parece um personagem real. Trata-se de Frei Gonçalo, tradutor que integra o “Círculo de Tradução do Mosteiro de Nápoles” e que passa temporadas numa casa na praia do Cabo Branco. É bem interessante a forma como ele se refere à importância do manuscrito que Mercedes “descobre”, como fala do afeto e amizade pela autora, a posição ideológica dele enquanto tradutor e seguidor da doutrina cristã. Como é também interessante o segundo texto do livro, no qual a autora faz uma “explicação” (fantasiosa, lírica)



acerca do achado do manuscrito de Hannah no Chile. O leitor pensa que são apenas informações prévias, para o situar melhor no romance que vai se iniciar. Mas já é ficção – o romance, de fato, já começou. Dois textos aparentemente desprezíveis – mas muito importantes para a estrutura do romance. Invertendo o dito de Paulo Honório na abertura do *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, eu diria que não se tratam, de forma alguma, de dois “capítulos perdidos”.

Hannah, a protagonista do romance, filha de Madalena, é imperiosa, inquieta, forte em suas convicções. Sincera, sutil, sedutora, sagaz. É corajosa (chega a esbofetear Jesus) e temerosa (arrepende-se pelo ato e perde perdão ao filho de Deus).

Jesus Cristo, no livro, habita o humano e o divino. É por vezes inseguro, até ingênuo. Chega a aprender com a protagonista: por exemplo, o preceito de que quem é atingido numa face deve oferecer a outra ao agressor decorreu do fato de Hannah, num ato intempestivo, ter esbofetado Jesus.

Nota-se no romance, por vezes, uma composição variada de narradores. No capítulo dois (“No dia em que Hannah esbofeteou Jesus”), por exemplo, há um narrador de primeira pessoa (Hannah adulta, escrevendo suas memórias), seguido por um de terceira pessoa – e, misturando-se aos dois, uma outra voz narrativa em primeira pessoa (Hannah ainda adolescente). O procedimento deve deixar no leitor mais desavisado uma certa confusão, podendo lhe parecer, até mesmo, um problema de técnica narrativa, de domínio precário da narração. Mas não é isso: trata-se de uma colagem de tempos, em que a narradora principal (a Hannah adulta, produzindo suas memórias) chama outros narradores para auxiliá-la na difícil tarefa de contar suas próprias travessuras. Este procedimento demonstra bem a capacidade técnico-narrativa da autora.

Mulheres desejosas, Madalena e Hannah. Mãe e filha. Hannah está apaixonada por Jesus (e é amada pelo apóstolo João). Madalena reconhece: “Sabes? Jesus é mesmo um homem muito cativante. O que preciso dizer-te é que apaixonar-se por uma pessoa assim é a coisa mais normal que pode haver...”. Reconhece ainda: “...não és a única no mundo a amar esse homem”. E revela o que também sente quando está diante dele: “Eu... Meu coração bate mais forte... Parece que minha respiração não me basta, sinto-me asfíxiar... Meu estômago gela... Meus joelhos amolecem, como que se recusando a sustentar o peso de meu corpo... O mundo inteiro roda à minha volta e no centro dele só há Jesus...”. Mas o amor de Hannah pelo filho de Deus jamais poderá se

concretizar, pois o próprio Jesus “havia declarado não poder dedicar-se a uma mulher, devido a seu compromisso maior, sua missão para com a humanidade”.

Madalena, no entanto, não quer para a filha o seu mesmo destino de prostituta: “A pobre Madalena morria de medo de que acontecesse a Hannah o mesmo que a ela. Entregara-se a um amante e, ao ser por ele abandonada com uma menininha para criar, terminara perdendo-se na mão de tantos homens...”. Embora a filha se pareça muito com ela (“Com tantos sonhos, tanta gana de viver, tanto anseio pela liberdade e, sobretudo, tanta sede de paixão”), Madalena quer para Hannah um casamento tradicional – e, assim, incentiva-a a se casar com Ananias (“Tão habilidoso na arte da marcenaria, tão honesto, tão bondoso, tão obediente às leis de Deus! Rapaz de ouro!”). Subentende-se que o que Madalena deseja para a filha é proteção (ou mesmo correção).

Cena forte no livro é essa em que Maria vê Jesus crucificado:

Maria abraçou-se aos seus pés, a parte do corpo de seu filho que estava mais ao seu alcance. Suas lágrimas se misturavam ao encarnado das fendas perfuradas pelos pregos. Por um instante, ela começou a gritar, convulsivamente. Madalena, então, dela se aproximou, cingindo os seus ombros. Ambas se deixaram ficar assim, gemendo baixinho.

Demonstrando pleno domínio da técnica romanesca, dos personagens, Mercedes Cavalcanti traz um livro que atualiza, de forma atraente, personagens bíblicos. De leitura fluida, linguagem clara, pega o leitor pela capacidade de fabulação da autora.

\*

O conto brasileiro recente se revitalizou com o aparecimento de algumas antologias na segunda metade da década de 90 e no início agora dos anos 2000, e de autores que, aqui e ali, e em todas as regiões do país, lançaram obras de qualidade. É certo que só o tempo – “o melhor crítico literário”, como bem disse Alfredo Bosi – dirá quem vai verdadeiramente permanecer. No Nordeste, hoje, temos uma safra de excelentes contistas: gente como Ronaldo Correia de Brito, Tércia Montenegro, Marcelino Freire, Antônio Carlos Viana, Geraldo Maciel, Marília Arnaud, Aldo Lopes, Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro, Pedro Salgueiro, Nilto Maciel,

Jorge Peiro, entre alguns outros. E agora se alinha a esse grupo Suênio Campos de Lucena, com o seu bom livro *Depois de abril* (2005).

São contos densos, de personagens psicologicamente bem elaborados. No primeiro conto do livro, “Cetim roxo”, a atriz que vem atuar num modesto circo, sem recato, resoluta, aborda o adolescente que também chega para trabalhar temporariamente no circo. Narrado do ponto de vista do adolescente, o conto tem um ritmo interessante, indo e vindo (a construção em ziguezague dos personagens é um traço importante do autor) na trajetória terrível de quem, procurando o prazer, depara-se com a morte. O adolescente e a atriz são personagens de universos diferentes. O rapaz, de dezessete anos, tem pendor artístico: mexe com marionetes (as mesmas que há no circo). Mas nunca atuou verdadeiramente como artista, como manipulador de bonecos (algo que aprendeu num curso que fez). Chega no circo para carregar caixas. A atriz, famosa, intensa, intrigante, está em decadência. Aborda o tímido adolescente no *trailer* do circo: “Recuei assustado, estava suado e sujo, mas ela continuou, acariciou meus cabelos e eu cedi nervoso, deitando ao seu lado”. É a primeira experiência amorosa do adolescente, que, no entanto, ao final, fica muito perturbado com a morte súbita e misteriosa da atriz, ali mesmo no *trailer*. Um conto, certamente, muito bem construído.

Em “Gustavo”, narrado pela protagonista Rute, temos a história do aparecimento, numa cidade interiorana, de um estranho familiar que, após formar-se em farmácia, chega como um parente (até então anônimo) de Rute e de sua Vó Nair, uma típica proprietária rural nordestina (lembra um pouco a dona Inácia de *O Quinze*, de Raquel de Queiroz). Mais uma vez, o autor consegue ter um bom domínio do ritmo narrativo, prendendo a atenção do leitor. A protagonista é muito bem desenhada na sua aversão ao (suposto) primo e no desejo (camuflado) que, afinal, a faz amá-lo intensamente uma tarde, deixando de ser virgem. Gustavo, em relação a Rute, é desestabilizador, deixa-a duplamente perturbada: com a sua incerta identidade e com a atitude de desvirginá-la. No fim, as intuições de Rute se confirmam em relação ao “impostor” Gustavo, que termina, após algumas escaramuças, fazendo a Vó Nair, antes de morrer, assinar-lhe o testamento. O fato de ser um tanto previsível o final talvez tire um pouco do brilho do conto.

“Três atos” talvez seja o texto mais bem realizado da coletânea. O escritor tem um ótimo domínio da psicologia do protagonista, um

floricultor que recorda a sua relação com a família, sobretudo com a mãe. O conto trata da velha doença das relações familiares danosas ao indivíduo: o protagonista se sente infeliz diante de uma mãe que só pensa em ascensão social, em se dar bem na vida a todo custo. Daí o apego ao pai e ao gato, emblemas do afeto. Um conto forte sobre memória, perda e solidão.

Em “Vinho tinto, azeitonas e cigarros”, que se passa no período da ditadura militar, temos um personagem desolado diante das torturas e de um pai e uma mãe que dão festas para militares. O jovem, homossexual, vítima de tortura no Rio de Janeiro, desloca-se até a pequena cidade onde passou a infância para encontrar os pais dando uma festa para um general, a irmã – que tem conflitos com a mãe – na maternidade. O protagonista procura o tempo todo uma identidade – mais uma vez a construção em ziguezague, lembrando os personagens de Lygia Fagundes Telles, sobre quem, aliás, o autor prepara neste momento um doutorado na USP – e é impedido de exercer-se enquanto indivíduo. Termina sendo expulso do país. Assim, no conto, o exílio do protagonista é duplo – do país e dos pais.

“Personagem”, espécie de relato auto-biográfico acerca de feitos e eventos em que o autor esteve presente, me pareceu um texto deslocado. Memória que se quer misturar à ficção sem muito efeito ou sintonia com os demais textos do livro.

Suênio Campos, anos atrás, publicou um pequeno romance. Mas acho que o livro de agora é um divisor de águas. Agora, *Depois de abril*, é que verdadeiramente começa a sua obra ficcional.

\*

A poesia parece ser mesmo “código secreto”. Quanto mais o leitor se detém no poema, quanto mais sente suas palavras, prova suas metáforas, mais vai identificando sentidos à primeira vista insuspeitados. O que era solo penumbroso vai recebendo, suave, a luz solar. E os campos se desvendam.

Raimundo Barroso, em certos momentos de *Oráculo do crepúsculo* (a sair em novembro/2005), é um poeta da palavra secreta que, em se desvendando, atíça-nos a sensibilidade e a inteligência. Poemas com nítida influência de Drummond e de Bandeira. O Drummond da náusea, angustiado, atônito com o mundo, e ainda o do cantar de amigos. O Bandeira da delicadeza, do cotidiano simples, do poema-crônica. Peso e

leveza. Após nos atordoamos com interrogações do tipo “Eu tenho as mãos, quem me empresta um mundo?”, nos divertimos com o passaporte que “vivia de andança” e que já não tem “a mínima sorte”, pois pena por “uma carimbada, um guichê”. Após sabermos que “um cão perdido/ perdeu seu caminho/ os caminhos se fecharam/ fechados na linha da terra/ nas terras cheias de miragem”, nos deparamos com o boêmio que na rede “geme e descansa” ou com o Arco-Íris cuja sina é desejar “beber o açude” (bela imagem!). A memória, a infância são matérias de alguns dos poemas:

Decerto jamais serei quem fui  
Sejam eles quantos terei sido  
E o que sou no breve instante  
Advento insólito do idêntico  
Será de mim em tudo diferente

A amada aparece neste que é um dos melhores poemas do livro:

Essa manhã me lembra  
de imprimir no teu corpo  
(almofada datiloscópica)  
minhas saudades digitais

E quando eu tocar teu corpo,  
hei de transformá-lo em quipo  
para que me faça recordar  
todas as vezes que te amei

A fuga do clichê, o estranhamento da linguagem – um dos fatores que atestam o talento de todo poeta –, pode ser percebido em passagens como essas: “eu sei, sou aquela porta velha e pesada/ para entrar ninguém me faz reverência”; “amar se afirma quente no presente incerto”; “tua imagem, surpresa de luz refletida,/ perene marca silenciosa de batom”; “biografando minha vida num formulário”; “meu avô doce/ feito de fumaça”; “vertigem no salto/ [...] / alegria no abismo”. Isso não impede, no entanto, certos momentos em que o poeta afrouxa um pouco a linguagem – mas nada que comprometa a qualidade do livro.

*Oráculo do crepúsculo* é obra de poeta maduro. Raimundo Barroso não força a mão para inventar o impossível. Fiel a uma tradição primorosa, faz poesia muito competente.

\*

O conto é um gênero impiedoso. O contista, sempre sorrateiro e sem inocência, interessa-se pelas rugas e rasgões da existência. No pouco espaço que lhe cabe, o contista apronta, e como apronta, invariavelmente intrigante e agudo no seu olhar. Cortázar, num passo feliz, chega a formular: o conto é uma “síntese implacável de uma certa condição humana” ou mesmo um “símbolo candente de uma ordem social ou histórica”.

Antônio Mariano, em *Imensa asa sobre o dia* (a sair em breve), é implacável, impiedoso. Seus personagens padecem de uma tristeza terrível, tentam se equilibrar numa existência que os inviabiliza. Incomunicabilidade, relações humanas difíceis, fora e no interior da família. Indivíduos oprimidos pela figura paterna ou pelo superior mais próximo. O despertar da sexualidade (sim, há aqui erotismo infantil e incesto – “Seguindo Alice”) e os transtornos e truques que o indivíduo utiliza para tentar exercê-la. Injúria, insanidade. Não há final feliz nestas histórias – quando não são trágicos, os desfechos nos ferem pela insipidez.

Mariano, mais conhecido como poeta, agrada muito como contista. Dá aqui passos importantes e terá, talvez muito em breve, possibilidades de plena realização no gênero. Aliás, alguns dos contos já são peças perfeitas – “A construção do silêncio”, “Estas imagens”, “Três cruces”, “Olhos no chão” e “Imensa asa sobre o dia”. Os contos aqui são todos realistas, com exceção do fantástico “O dia em que comemos Maria Dulce”, cuja personagem, uma menina rica e “doce”, é literalmente devorada por garotos famintos. Contos urbanos, passando-se em cidades de menor ou de maior porte (João Pessoa é cenário, por exemplo, de “Herói por pouco tempo”, que, apesar da trama um tanto clichê, atrai pelo impacto da situação de injustiça que acomete o protagonista). A linguagem poética permeia todos os textos do livro, especialmente o “Imensa asa sobre o dia”. Este conto, aliás, e o denso “Estas imagens” são talvez os mais bem realizados da coletânea. “Imensa asa sobre o dia” traz um personagem misterioso e cruel, que, numa pequena cidade, termina assassinando o bancário que acabara de ver tomando cervejas com um amigo. Gratuidade da violência que, afinal, atinge muitos de nós na contemporaneidade.

Um dado interessante: Jailson é o nome do protagonista de todos os contos. Ora é operário, ora é funcionário público, ora é pai, ora é filho... Esse dado estrutural faz o livro lembrar, levemente, um romance desmontável. Jailson junta todas as narrativas. Jailson infeliz, fracassado, pobre-diabo.

\*

Pareceram-me os nomes e textos mais significativos de 2004/2005 de autores que, até onde eu sei, vivem (ou viveram pelo menos até meados ou fins dos anos 90, como é o caso de Suênio Campos e Aldo Lopes) na Paraíba. Há escritores paraibanos radicados há muito tempo em outros estados que também fizeram no período um trabalho de alto nível, a exemplo de José Nêumane Pinto, que recentemente recebeu, pelo romance (já com ampla fortuna crítica) *O silêncio do delator*, o prêmio José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras. O balanço, portanto, é bastante positivo. Torço para que, nos próximos anos, a produção paraibana prossiga tão promissora assim.

Agosto/2005  
(revisto em Outubro/2005)